



BOFF, L. *Espiritualidade: Um caminho de transformação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001

CÁRITAS BRASILEIRA, *Mística e Espiritualidade*. Col. Cadernos da Cáritas n. 4, Brasília: Cáritas brasileira, 2003

CASALDÁLIGA, P. & VIGIL, J. M. *Espiritualidade da libertação*. 4. Ed. Col. Teologia e Libertação, Série III: A libertação na História. Petrópolis (RJ): Vozes, 1993

CNBB. *As Pastorais Sociais na virada do milênio*. São Paulo: Loyola, 1999

\_\_\_\_\_. *O que é Pastoral Social?* Col. Cartilhas da Pastoral Social n. 1, São Paulo: Loyola, 2001

\_\_\_\_\_. *Cáritas brasileira: 50 anos promovendo solidariedade*. Col. Estudos da cnbb, n. 92. São Paulo: Paulus, 2006

CNBB – REGIONAL SUL IV, *Diretrizes da Ação Evangelizadora 2004-2007*, Florianópolis, s.ed. 2005.

#### *Endereços dos Autores:*

Cáritas Brasileira – Regional Santa Catarina  
Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 1524  
Bairro Pantanal  
88040-001 – Florianópolis –SC



**Resumo:** A abordagem de elementos bíblico-teológicos e espirituais inerentes ao fenômeno das migrações, possibilita vê-lo inserido no quadro da história e do desígnio de salvação, o qual ilumina a experiência de vida dos migrantes e de todas as pessoas que de alguma forma partilham a vida com eles. Uma visão de fé nos leva a comparar as migrações atuais àqueles eventos bíblicos que determinam o caminho rumo ao nascimento de um povo, o Povo de Deus a caminho. No sentido espiritual, todos «somos estrangeiros e peregrinos nesta terra» (Hb 11,13), a caminho da comunhão plena à qual todos nós somos destinados. E somente uma espiritualidade específica, como modalidade própria de viver a fé e a missão no contexto migratório, pode revestir de profecia a nossa presença na Igreja e no mundo.

**Abstract:** The elements of biblical, theological, and spiritual dimension in the approach to the movement of migration are quite helpful when applied to social integration in its wider perspective of the history of salvation. Thus single groups of people enter a world of new relationships and are invited to share their values and common goals and taking part in their quest to build up the People of God. In a spiritual sense we all are pilgrims on the way to God's encounter on earth providing us the basic components in the ongoing process of personal development, social organization, cultural meaning and value. Its quite important to take into account our common communion with God through the Church which makes it possible for us to reach this goal in spite of varied personal and social conditions.

## **A Espiritualidade no contexto migratório**

### **Elementos que norteiam a experiência espiritual de um povo a caminho**

*Ir. Analita Candaten, mscs<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> A Autora possui mestrado e doutorado em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade Gregoriana – Roma. É membro da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas. Atualmente trabalha em assessorias sobre estudos de Teologia da vida religiosa e espiritualidade.



O movimento migratório recorda o sentido itinerante da vida de cada um de nós e de toda a Igreja. Em qualquer visão de fé, o homem traz dentro de si o desejo de ir além daquele horizonte que lhe dá o pão cotidiano, porque é *viator* na sua essência.

Embora a experiência migratória não faça parte da vida de todas as pessoas, no sentido espiritual, todos «*somos estrangeiros e peregrinos nesta terra*» (Hb 11,13), a caminho da morada de Deus com os homens (Ap 21,3). Providencialmente, os migrantes são os que, cotidianamente, recordam a todos os cristãos o paradigma que reassume o sentido essencial de suas vidas, isto é, o de serem peregrinos, de terem como pátria a estrada, realidade que desperta para o sentido do provisório, onde nenhuma raiz terrestre pode reter firmemente o ser humano e nada deve ser construído para sempre.

No sentido espiritual, o cristão carrega dentro de si a alma do migrante, que o impulsiona a estar pronto a retomar-se, a converter-se, conseqüências ascéticas de um sentir-se a caminho, rumo à verdadeira pátria que interessa à pessoa de fé<sup>2</sup> e ao cumprimento trinitário da história, quando tudo será submetido ao Filho e o Filho entregar tudo ao Pai, *para que Deus seja tudo em todas as coisas* (Ef 1,10; Cl 1,20; 1Cor 15,28).

Enquanto peregrinos, o encontro definitivo entre Deus e a humanidade, acontecido em Jesus, homem universal, nos impulsiona a caminhar como Igreja peregrina entre os homens e as mulheres das sociedades multiculturais e a anunciar-lhes o mistério da comunhão trinitária, pelo qual o diálogo entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo se apresenta a nós como possibilidade e modelo de toda relação<sup>3</sup>.

## 1. O povo de Deus a caminho

A imagem do Povo de Deus a caminho evoca um passado (Hb 11), o longo caminho do povo da antiga Aliança, marcado por experiências dramáticas, mas iluminado e sustentado pela promessa de Deus. Neste caminho, ainda hoje, a história de cada pessoa se entrelaça com a história de Deus, que desde as origens colocou a sua tenda entre nós, fez sua a história de cada um e acompanhou os passos de seus filhos,

2 Cf. ALLIEVI, Stefano. *Il libro dell'altro: Il Vangelo secondo lo straniero*. Bologna: Dehoniane, 1995, p. 98-100.

3 Cf. CONGREGAÇÕES SCALABRINIANAS. *Traditio Scalabriniana*. Roma: 2005, p. 8



manifestando-lhes a glória eterna de seu amor, com uma face materna que evoca aquela das «*entranhas de uma mãe*» (Is 49,14-15; 66,13; Jr 31,20; Os 11, 1-4.8).

A grande riqueza da experiência espiritual do povo de Israel e da comunidade cristã, no seu seguimento a Jesus ao longo dos séculos, traz elementos que enriquecem e iluminam a experiência espiritual do povo migrante e de todos nós que caminhamos ao seu lado.

### 1.1. O Povo de Deus no AT

O povo de Israel teve seu início como um povo de nômades que se deslocavam pela necessidade de sobreviver. Este povo constantemente a caminho possui uma memória de emigrações por excelência, e o itinerário por ele percorrido sempre teve uma motivação profunda e uma orientação precisa: a promessa da terra e, com esta, a abundância dos bens de IHWH<sup>4</sup>.

Abraão, considerado o paradigma do migrante, com a força da Palavra de Deus partiu (Gn 12,1) «*para uma terra que devia receber como herança, e partiu sem saber para onde ia*» (Hb 11,8). Seu único enraizamento é a fé (Gn 15,1-8). Aceitou deixar suas velhas seguranças, abraçou as incertezas, enfrentou o risco de iniciar uma nova história sob a confiança de uma promessa, a qual lhe assegurava a terra e a descendência. A partida de Abraão não significou um vagar sem meta, um desenraizamento privado de qualquer perspectiva, mas foi um deixar para obter, um perder para ganhar<sup>5</sup>.

O êxodo, etapa primordial para a consciência religiosa de Israel, teve um valor determinante, fundamental. Deus tem misericórdia do povo oprimido (Ex 3,7ss), o faz sair do Egito, caminha com ele e o conduz para a terra da promessa. Na aliança do Sinai aqueles clãs de viandantes se tornam uma comunidade, o Povo de Deus. Este povo falhará na sua fidelidade à aliança, mas Deus não retirará nunca a sua promessa e Jeremias anunciará a refundação da aliança e um novo pacto (Jr 31,33-34) que acontecerá com o «resto» de Israel<sup>6</sup>.

4 Cf. MOLTMANN, Jürgen. *Teologia della speranza*. Brescia: Queriniana, 1971, p. 97.107-109.

5 Cf. BARBAGLIO, Giuseppe. *Testimonianza Biblica*. In: *Servitium*, n. 111, p. 41, 1997.

6 Cf. DANESI, Giacomo. *Cammino di Dio e Dio del cammino*. In: DANESI, Giacomo – GAROFALO, Salvatore. *Migrazione e accoglienza nella Sacra Scrittura*, Padova: Messaggero, 1987, p. 23-37.



Todos os patriarcas viveram como estrangeiros e peregrinos nessa terra (Hb 11,13), esperando uma pátria futura. A migração foi vivida por eles como uma peregrinação religiosa. E ainda hoje essa história bíblica se repete em cada migrante. O que faz a diferença entre eles é exatamente a promessa. Abraão, Isaac, Jacó, Moisés e outros, talvez parecessem desenraizados, sem habitação, mas sua peregrinação tinha a face luminosa da promessa de uma terra e, por causa desta, traçaram os próprios caminhos. Esses homens aceitaram a peregrinação em atitude orante e sem prévio conhecimento do percurso. Para eles, caminhar era seu destino, sua vocação, seu crer e seu esperar<sup>7</sup>.

## 1.2. A Igreja Povo de Deus

A Igreja emerge do Povo de Deus da antiga Aliança. Todavia, no NT, a Igreja é Povo de Deus constituído de maneira nova, por obra de Cristo e em virtude do Espírito Santo. Ela é testemunha do desígnio salvífico de Deus para toda a humanidade e enviada a todos os povos, peregrina de graça e de fé no mundo.

A eclesiologia do Povo de Deus, assumida pelo Concílio Vaticano II, expressa a continuidade entre o antigo e o novo povo, superando as eclesiologias da sociedade perfeita e retoma uma perspectiva eclesiológica que vigorava até o séc. IV. A Trindade e o Povo de Deus são perspectivas apresentadas conjuntamente. A Igreja é o povo da Trindade, que no Batismo recebe a graça da adoção, e é introduzido na família do Pai, à imagem do Filho, para viver ao sopro de um mesmo Espírito<sup>8</sup>.

Falar da Igreja como Povo de Deus significa vê-la como realidade em processo, sustentada e guiada pela força do Espírito, situando-se em uma história que é história de Salvação e tende à plena realização do projeto divino. Nessa Igreja redescobre-se a dimensão carismática de todo o Povo de Deus, a riqueza e a variedade dos dons que o Espírito infunde em cada batizado em vista da utilidade comum. E assim cresceu a exigência de uma Igreja presente nas realidades do mundo como fer-

7 Cf. BENTOGGIO, Gabriele. *Fondamenti Biblico-Teologici della Mobilità Umana* (ad uso degli studenti). Roma: Pontificia Universitas Urbaniana, 2002, p. 35-40.

8 Cf. MILITELLO, Cettina. *La Chiesa «il Corpo Crismato» – Trattato di Eclesiologia*. Bologna: Dehoniane, 2003, p. 121-126.



mento, em atitude de diálogo, de escuta, não só como aquela que ensina, mas que também aprende<sup>9</sup>.

## 1.3. Povo de Deus em comunhão

Nos primórdios da cristandade, a comunhão/*koinonia* já era considerada um valor fundamental na identidade das comunidades cristãs (At 2,42). A «comunhão de coração e de espírito» estava na base de qualquer outra expressão de partilha e solidariedade. Em Paulo, a experiência eclesial da *koinonia* tem um caráter particularmente cristológico, um chamado à comunhão com o Filho Jesus Cristo, que se torna realidade concreta na comunidade e na comunhão das Igrejas. No período pós-apostólico a Igreja está estreitamente vinculada à tradição evangélica. A comunhão se transforma em operosa diaconia e Tertuliano testemunha o que os pagãos diziam a respeito dos cristãos: «Vede como eles se amam»<sup>10</sup>.

Após um longo período com uma eclesiologia piramidal e hierárquica, o Concílio Vaticano II passou a considerar a Igreja essencialmente como mistério de comunhão, comunhão que deve manifestar-se em todas as expressões e estruturas de sua vida e missão, refletindo em termos de fraternidade e solidariedade o amor do Pai, a graça do Filho e a comunhão do Espírito Santo<sup>11</sup>.

Nessa eclesiologia de comunhão não existe a superioridade de uns membros sobre outros, mas o serviço e a participação de todos, conforme a multiplicidade de carismas que se configuram na variedade dos ministérios a serviço da própria comunidade. A comunhão eclesial é o lugar da aliança, sinal da Trindade no tempo dos homens, atuando principalmente através das igrejas particulares, células viventes nas quais vive toda a Igreja<sup>12</sup>.

A partir do Vaticano II, a Igreja considerada militante, se transformou em uma sociedade em marcha, uma comunidade a caminho, que

9 Cf. FORTE, Bruno. *La Chiesa icona della Trinità – Breve eclesiologia*: Brescia: Queriniana, 1995, p. 27-37; NITROLA, Antonio. *Escatologia*. Casale Monferrato: Piemme, 1991, p. 83; CONCILIO VATICANO II. *Lumen Gentium* (LG), n. 4.7.9.

10 Cf. BURINI, Clara. *Comunione e comunità nella ecclesia delle origini*. In: *Parola Spirito e Vita*, n. 31, p. 221-230, 1995.

11 Cf. PERURENA, Juan. *La Iglesia, signo de comunión*. In: *Lumen*, n. 4-5, p. 359-361, 2000; FORTE, Bruno. *La Chiesa icona della Trinità*, p. 46; CONCILIO VATICANO II. *Unitatis Redintegratio*, n. 2.

12 Cf. FORTE, Bruno. *La Chiesa icona della Trinità*, p. 47-49.



desafia o mundo com uma comunhão peregrinante e o convida a unir-se a ela. A Igreja não tem a sua realização definitiva neste tempo presente, mas a espera e a prepara até o dia em que venha novamente o seu Senhor e tudo seja n'Ele perfeitamente recapitulado. É a comunidade peregrina, que passa pelo coração do mundo, com uma viva consciência escatológica da fé, com uma vigilante sensibilidade social, com um correspondente empenho histórico, sempre mantendo viva a esperança da meta e sem nunca perder o sentido da provisoriedade que afeta as suas configurações histórico-institucionais. Por ser peregrina, é ao mesmo tempo empenho e esperança, responsabilidade histórica e tensão escatológica<sup>13</sup>.

## 2. Jesus Cristo, o caminho para a comunhão trinitária

No peregrinar rumo à comunhão plena à qual todos nós somos destinados, não bastam as categorias teológicas. É preciso uma atitude vital, global e sintética, que abrace a totalidade e o particular da vida, tarefa que só a espiritualidade poderá realizar<sup>14</sup>.

Jesus é a raiz, o núcleo da espiritualidade cristã, a qual se encarna na história e na cultura de cada migrante, na vida da Igreja, impulsionando todos a partilhar a vida, sobretudo com aqueles que mais experimentam a fragilidade, a marginalização social, a cruz da pobreza e da injustiça.

### 2.1. O que se entende por espiritualidade?

Hoje, falar de espiritualidade, ou de experiência espiritual, ou vida segundo o Espírito, ou caminho para a santidade, todas expressões usadas nesse âmbito, significa falar da vida cristã que se desenvolve, se consolida até a maturidade, seja segundo as leis do crescimento antropológico e psicológico, seja segundo os ritmos do mistério da graça, até o cumprimento último, a plenitude da comunhão com Deus. Tal experiência espiritual torna-se a estrutura vertebral que dá sentido e unifica todo o viver, coloca a pessoa de forma criativa diante das exigências

13 Cf. COLZANI, Gianni. *Il mistero del Signore sotto le ombre – La Chiesa pellegrinante*. In: *La Rivista del Clero Italiano*, n. 12, p. 826-832, 1985; NITROLA, Antonio. *Escatologia*, p. 82-88.

14 Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia della liberazione*. Brescia: Queriniana, 1972, p. 202-204.



do Evangelho e suscita o «novo» através da vida, da oração, dos gestos concretos, os quais revelam que Deus continua a caminhar com seu povo, na realidade onde se encontra<sup>15</sup>.

A novidade essencial do cristianismo como espiritualidade, como proposta dinâmica, como projeto de vida, está num Deus que é comunhão em si mesmo e que deseja viver em comunhão com todas as pessoas e com a humanidade inteira. Portanto, a vida cristã consiste essencialmente na participação do ser humano na mesma vida de Deus, na plena comunhão com Deus.

### 2.2. Jesus Cristo, centro da espiritualidade cristã

A referência à espiritualidade cristã remete explicitamente ao evento da revelação de Deus na história concreta de Jesus Cristo, transmitido à Igreja por meio da Palavra e dos Sacramentos e, por outro lado, requer a experiência, como resposta pessoal a tal evento salvífico de comunhão. A espiritualidade cristã tem como núcleo central Jesus Cristo, que opera através do Espírito, o agente primeiro e o grande protagonista de toda vida espiritual. A espiritualidade é uma experiência concreta de viver o Evangelho, embora isto aconteça em modalidades diferentes, as quais se constituem em diversas espiritualidades<sup>16</sup>. Em todas elas, Jesus, escada entre o céu e a terra (Jo 1,51), é o caminho rumo à plenitude da comunhão trinitária, caminho que exige engajamento adaptado às situações concretas, porque «uma espiritualidade individualista e intimista contradiz a lógica da encarnação e a tensão escatológica»<sup>17</sup>.

## 3. Elementos que caracterizam a espiritualidade no contexto migratório

As grandes espiritualidades na vida da Igreja se mantêm voltando constantemente às suas fontes. É o «beber em seu próprio poço». A espiritualidade é como a água viva que surge no fundo da experiência de fé,

15 Cf. BORRIELLO, Luigi (Org). *Introdução*. In: *Nuovo Dizionario di Spiritualità*. Città del Vaticano: Editrice Vaticana, 2003, p. 5; GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia della liberazione*, p. 202-204; SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e Teologia – Vida cristã e fé trinitária*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 52-86.

16 Cf. BORRIELLO, Luigi. *Introdução*. In: *Nuovo Dizionario di Spiritualità*, p. 5-6.8-9.14-15.

17 JOÃO PAULO II. *Novo Millennio Ineunte* (NMI). 2001, n. 52.



uma experiência determinada, simultaneamente própria e comunicável aos outros<sup>18</sup>. Assim, também a espiritualidade que norteia a vida dos migrantes e de toda a Igreja que caminha com eles, é uma espiritualidade que emerge da própria experiência migratória. Esta espiritualidade tem a missão de ajudar cada pessoa a reler sua própria história à luz da fé, celebrar os prodígios de Deus realizados a seu favor, fortalecer o sentido de seu peregrinar e as razões de sua esperança, e experimentar a comunhão como um reflexo da comunhão trinitária.

Aprofundar a espiritualidade, que é vida no Espírito, como modalidade específica de viver a fé e a missão no mundo da mobilidade humana, não é refugiar-se longe da inquietação da história, mas buscar luz e força para responder aos desafios atuais com escolhas proféticas. Aonde tal espiritualidade vier a faltar, a ação pastoral poderá tornar-se um simples ativismo social, fácil de alimentar-se das mais diferentes ideologias. Dizia-nos o papa João Paulo II: A santidade é também o horizonte para o qual deve tender todo o caminho pastoral<sup>19</sup>.

Como membros do único Povo de Deus, no contexto migratório, somos interpelados a viver uma espiritualidade marcada por elementos específicos, tais como: a acolhida da diversidade, a universalidade, a encarnação e a provisoriidade, a comunhão nas diferenças e sendo um sinal de esperança.

### 3.1. A acolhida da diversidade

No desígnio de Deus de formar uma só família de povos, as migrações se apresentam como um espaço privilegiado, um *kairós* na Igreja, no qual está a oportunidade de demonstrar que esta comunhão universal é possível. A acolhida, desde sempre foi considerada um valor sagrado. No AT, a presença do estrangeiro (imigrante) no meio do povo de Israel, é sinal do divino entre eles e a acolhida tem motivações humanas, teológicas e históricas (Lv 19,33; 25,33; Dt 10,17-19)<sup>20</sup>.

18 Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Beber en su próprio poço: En el itinerário espiritual de un pueblo*. Lima: CEP, 1983, p. 50-51.60. Gutiérrez usa uma expressão de Bernardo de Claraval (†1153), o qual afirma que, ao se tratar de experiência espiritual, cada um deve «beber em seu próprio poço».

19 Cf. NMI, n. 30.

20 Cf. BELOTTI, Lino. *Ospitalità e/o accoglienza?* In: *Servizio Migranti*, n. 5, p. 311-312, 1996.



Nos Evangelhos, a acolhida, na sua dimensão horizontal e vertical, significa abertura, comunhão, partilha daquilo que é mais profundo e vital. Jesus foi ao encontro das pessoas, percorrendo cidades e povoados (Lc 13,22; Mt 9,35; Mt, 10,10), esteve na casa de amigos e adversários, de justos e pecadores. O seu comportamento acolhedor provocou escândalo entre os homens da lei (Lc 15,1-2), levando-o a defender-se com as parábolas da misericórdia. Ele mesmo se identifica com o estrangeiro que necessita de acolhida, e reconhecê-lo nessa veste é decisivo para a própria salvação: «*Eu era forasteiro e me acolhestes*» (Mt 25,35).

Paulo é testemunha da acolhida recebida nas primeiras comunidades cristãs (At 16,25; 18,2-3) e exalta as atitudes de hospitalidade como prova do amor cristão (Rm 12,9-10; 1Ts 4,9). E exorta: «*acolhei-vos*» (Rm 15,7), «*sede atentos à hospitalidade*» (Rm 12,13). Nas cartas Pastoris, a hospitalidade é recomendada aos responsáveis das comunidades, como um dever de seu ofício (1Tm 3,2; 5,10; Tt 1,8). Nas cartas Católicas, a hospitalidade se torna um dever de todos os membros da comunidade (Hb 13,1-2; 1Pd 4,9) e o exercício de acolhida uma expressão do ágape evangélico: «*não vos esqueçais da hospitalidade, porque graças a ela alguns, sem saber, acolheram anjos...*» (Hb 13,1-2).

Na Igreja primitiva a hospitalidade tornou-se o principal suporte para a dinâmica de universalismo na atividade missionária. Por essa sua práxis, a Igreja se impôs diante de seus contemporâneos.

Atualmente, na era da globalização, a acolhida tornou-se uma necessidade que se impõe a todos e, para os cristãos, não apenas uma exigência ética, mas um imperativo evangélico. Cristo pede para ser acolhido nas «mil» faces do outro, do migrante, do estrangeiro, com todas as suas diversidades, realidade que exige de todos a passagem do medo, e da indiferença, ao paradigma da diversidade.

No contexto migratório, uma espiritualidade acolhedora brota diretamente da atenção prestada à pessoa do migrante, como pertencente ao Corpo de Cristo e construtor escondido e providencial da grande civilização do universal, onde é maravilhoso ser diferente juntos. Esta espiritualidade, na dimensão pessoal e comunitária, não poderá ignorar «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem»<sup>21</sup>, entre os quais

21 CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*, n. 1.



estão os migrantes. O rosto de cada um, encontrado em sua situação, em sua história, em suas alegrias e misérias, fala de toda a humanidade e torna-se a «metáfora de Deus»<sup>22</sup>. Afirmou o papa Paulo VI: «O que conta para nós é o homem, cada homem, cada grupo de homens, até compreender a humanidade inteira»<sup>23</sup>.

Uma espiritualidade acolhedora da diversidade pressupõe um desejo e uma atitude em direção ao outro, que supera preconceitos, distâncias e indiferenças. Acolher o outro é antes uma atitude mental e espiritual que toca a interioridade da pessoa. O reconhecimento da diversidade é um recíproco enriquecimento, um intercâmbio dos bens morais, étnicos, culturais, religiosos, que levam a uma complementação e aperfeiçoamento mútuos. Isto exige passar da lógica da sociedade multicultural, àquela da sociedade intercultural, passagem da tolerância ao respeito, que leva à perspectiva mais ampla e articulada da solidariedade e da partilha. Por isso, é necessário estar atentos para acolher a verdade contida na diferença do outro, em particular dos migrantes<sup>24</sup>.

Cristo, com seu sair-de-si divino em direção às pessoas, é o fundamento de todo sair-de-si humano em direção ao outro. Em cada cultura, alguém que vive uma espiritualidade profunda, torna-se princípio de abertura e de comunhão universal. A pessoa espiritual sabe que o único absoluto da cultura, ou seja, as palavras, os gestos e tudo o que compõe o tecido cultural, só poderá salvar-se se colocado a serviço do reconhecimento dos outros e da comunhão. Portanto, uma espiritualidade que acolhe as diferenças, leva a pessoa, a comunidade e toda a Igreja, à «redenção» das culturas, uma antecipação da fraternidade pentecostal, onde as diferenças são harmonizadas pelo Espírito e a caridade se faz autêntica na aceitação do outro<sup>25</sup>.

No campo das migrações, dos conflitos e da marginalização, a espiritualidade tem a missão de tornar as realidades conflituais, lugares sapienciais de comunhão e de unidade. Difundindo o apreço pela pessoa do migrante participamos do projeto divino de tal modo que, a terra se

22 Cf. CATTIN, Yves. *A metáfora de Deus*. In: *Concilium*, n. 4, p. 79-82, 1992.

23 PAULO VI. *Populorum Progressio*. 1967, n. 14.73.

24 Cf. BELOTTI, Lino. *Ospitalità e/o accoglienza?* p. 311-313; BARONIO, Luciano. *La cultura della solidarietà e della accoglienza*. In: *Presenza Pastorale*, n 7-8, p. 47-59, 1996.

25 Cf. RUPNIK, Marco. *La vita spirituale*. In: SPIDLÍK, Tomás (Org). *Lezioni sulla Divinumanità*. Roma: Lipa, 1995, p. 329-330.



torna lugar de fraternidade, de partilha e de gratuidade, antecipação daquele banquete do reino, onde ninguém é excluído.

### 3.2. A universalidade

No AT, quando Israel tende a fechar-se em suas estruturas e em suas leis, como se IHWH fosse um patrimônio seu, o mesmo IHWH intervém, abre-lhe novos horizontes, como o demonstram belíssimas páginas missionárias (Jn 1-4; Rt 2, 1ss; Is 19, 16-25). «*Eu virei para reunir os povos de todas as nações e línguas*» (Is 66,18).

No NT, Mateus já inicia o Evangelho mostrando o caráter universalista de Jesus. Na genealogia (Mt 1,2-16), coloca quatro mulheres, todas estrangeiras, as quais, com a obstinação de sua fé, encontram o seu lugar no seio do Povo de Deus. Jesus, através de sua vida e ação, mostra que a fé de Israel é capaz de abraçar todas as pessoas. O grande discurso missionário (Mt 10) abre perspectivas universalistas e contém uma pedagogia missionária extraordinária. Lucas, em seu evangelho, tem interesse de mostrar a destinação universal de seu anúncio, como o livro dos Atos o confirma e o Concílio de Jerusalém o ratifica (At 15). Os escritores neo-testamentários, cada um a seu modo, destacam o caráter universalista da mensagem cristã.

No contexto das migrações, as comunidades marcadas pela experiência migratória trazem em si a marca da universalidade e possuem uma dinâmica transformadora. Nessas comunidades faz-se necessário desenvolver uma sabedoria espiritual para ultrapassar as fronteiras e cultivar a arte de negociar os confins<sup>26</sup>.

Nesse itinerário espiritual que contempla a universalidade, a linguagem das imagens e símbolos contém uma riqueza e uma capacidade unitiva extraordinária, porque traz dentro de si um forte potencial místico. O espiritual e o místico são por natureza unitivos e integrativos. O encontro com Deus nos introduz no mundo do simbólico. O símbolo cria atração, produz empatia, une, reúne, integra. Na experiência espiritual a linguagem, imagens, símbolos, gestos, ritos, podem ser partilhados e compreendidos, rumo a uma visão comum, porque aquilo que cada pessoa vive, sente, espera, é também o que o outro traz dentro de si. Narrar

26 Cf. MÜLLER, Denis. *Pátria dos viajantes – uma ética das migrações*. In: *Concilium*, n. 4, p. 173-174, 1993.



aquilo que os seres humanos fazem, dizem, amam e até erram, é falar da vida, e a vida fala de Deus. Essa linguagem é necessária para o encontro com experiências religiosas diversas, como acontece na realidade migratória, onde, em nome da fraternidade, aceitam-se e se harmonizam peculiaridades e contrastes. Ser cristão, hoje, significa estar diante do diferente, que pode ser o migrante, o estrangeiro, o refugiado, portador das mais variadas experiências religiosas<sup>27</sup>.

Lugar por excelência, para viver esta experiência espiritual, é a comunidade local. A unidade da Igreja não vem da origem e língua comum, mas do Espírito de Pentecostes, que, na diversidade de línguas, povos, nações, fez um só povo e confere a todos a fé no mesmo Senhor e o chamado à mesma esperança. Isso implica também atenção às tradições religiosas não-cristãs, veículos de aspectos da Revelação, as «sementes do Verbo» espalhadas pelo mundo, frutos da superabundância do dom de Deus. Essa tarefa de aproximação, diálogo, partilha, exige *kénosis*, semelhante à de Cristo (Fl 2,6-11), discernimento respeitoso e lúcido, luta para vencer os próprios particularismos e abrir-se ao outro, *fazer-se tudo a todos, por causa do Evangelho* (1Cor 9,22-23)<sup>28</sup>.

A universalidade inspirada no Evangelho é algo eminentemente espiritual. É a universalidade evangélica do Reino, como num banquete, em que pessoas do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul virão partilhar da refeição no Reino de Deus (Lc 13,29)<sup>29</sup>. Desta «multidão imensa» (Ap 7,9) as migrações podem ser como um chamado e uma prefiguração do encontro final de toda a humanidade com Deus e em Deus<sup>30</sup>. Enquanto peregrina no mundo, a missão da Igreja é acolher os migrantes como sinais dos tempos, como ocasião providencial para rejuvenescer e enriquecer-se, para redescobrir que o pluralismo e a diversidade, também no plano religioso, são exaltação de sua unidade e catolicidade.

Todos nós temos a missão de renovar o milagre de Pentecostes em nossas comunidades, «inverter Babel» e estabelecer o diálogo e a

27 Cf. GRECO, Carlo – MURATORE, Saturnino (Org). *La conoscenza simbolica*. Cinisello Balsamo: S. Paolo, 1988, p. 217-220; TOFFANELLO, Giuseppe. *La Spiritualità in questione: il postmoderno alla ricerca di sé*. In: *Credere Oggi*, n. 117, p. 17-18, 2000.

28 Cf. PATHRAPANKAL, Joseph. *L'homme de la Pentecôte. Du particulier à l'universel*. In: *Spiritus*, n. 113, p. 395-396, 1988.

29 Cf. WILFRED, Felix. *Uma nova maneira de ser cristãos*. In: *Concilium*, n. 1, p. 58-60, 1999.

30 Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO DA PASTORAL PARA OS MIGRANTES E OS ITINERANTES. *Erga Migrantes Caritas Christi* (EMCC). 2004, n. 17.



recíproca compreensão entre as pessoas de língua, cultura, religião e etnia diferentes<sup>31</sup>.

### 3.3. A encarnação e a provisoriedade

A história é a mediação básica do encontro com Deus. No AT, Deus se mostra, se revela, intervém com vários tipos de Alianças (Ex 31,18; 34,35). No NT, Deus se manifesta pessoalmente: *na plenitude dos tempos* (Gl 4,4-5), o Filho de Deus se encarna nesta história e assume de forma incondicionada toda a humanidade. A Encarnação é a máxima revelação de Deus na história, última e definitiva palavra de Deus às pessoas (Hb 1,2). Esta auto-revelação de Deus força a espiritualidade a atribuir uma importância fundamental à história humana e à existência material<sup>32</sup>.

O papa João Paulo II referiu-se à Encarnação do Verbo, como a um mistério que teve lugar na história, em circunstâncias de tempo e lugar bem definidos, em meio a um povo com sua própria cultura, e ressalta o fato de que a Encarnação do Filho de Deus, porque é integral e completa, foi também a encarnação em uma específica cultura. Desse modo, a encarnação é base e condição para o processo da inculturação<sup>33</sup>. E assim, como o Verbo de Deus se encarnou, assumindo a história e a cultura de um povo, também a experiência cristã deve inserir-se no tecido humano e assumir o risco da história, da precariedade e da provisoriedade.

De fato, a encarnação tem seu aspecto de *kénosis* e sua realização compreende continuidade e ruptura: continua com o mistério pascal de morte e ressurreição e culmina no milagre lingüístico de Pentecostes. Uma espiritualidade que se inspira na Encarnação do Verbo tende a assumir o viver histórico, encarnando-se nos desertos sociais e humanos, na vida e acontecimentos, lutas e compromissos dos migrantes e comunidades envolvidos nos grandes desafios das questões sociais, como a justiça, a liberdade, a solidariedade, os quais ajudam o migrante a compreender que estes lugares já foram visitados pelo Salvador. A espiritualidade

31 Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB), *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja do Brasil* (2003-2006). São Paulo: Paulinas, 2003 (Série Documentos da CNBB-71, n. 86).

32 Cf. SHELDRAKE, Phillip. *Espiritualidade e Teologia*, p. 31.

33 Cf. JOÃO PAULO II. *Ecclesia in Africa*. 1996, n. 60. Como o Verbo de Deus se encarnou num contexto particular, assumindo a história e a cultura de um povo, assim também a mensagem salvífica e a mesma Igreja, devem encarnar-se.





de um cristianismo encarnado e pascal descobre que o Espírito sopra infalivelmente nesses lugares privilegiados e se alimenta na escuta da Palavra, na oração, na celebração sacramental<sup>34</sup>.

Junto à exigência da encarnação na realidade, que possibilita ao ser humano ocupar um lugar para viver, projetar-se, realizar-se como pessoa, para o migrante e para toda a Igreja, existe concomitantemente o apelo à provisoriedade, apelo a sermos peregrinos e não sedentários, com as fronteiras sempre abertas para o além, porque a verdadeira fé não se agarra ao presente e às seguranças. Na Igreja primitiva, a concepção cristã de peregrinos e estrangeiros indicava um sentido novo de estar presente no mundo<sup>35</sup>. A partir do momento em que se tornaram propriedade de Deus, os cristãos não pertencem mais a este mundo: devem aceitar esta situação incerta por causa de Cristo (1Pd 2,21), dando razões de sua esperança (1Pd 3,13-17), peregrinos rumo à *polis* celeste (1Pd 2,11; Hb 13,14).

No mundo das migrações não há lugar para os sedentários. Nisso nos assemelhamos a Deus, que colocou a sua tenda entre nós (Jo 1,14), peregrino e não sedentário (Ex 13, 21-22; 2Sm7; Sl 68,7-8), sempre presente na peregrinação do seu povo.

Para os migrantes, missionários e toda a Igreja, o aspecto da provisoriedade e da itinerância deve tornar-se um estilo de vida. O sentido do provisório quebrará cada ilusão de definitivo ou de ideal realizados na terra, recordando que a única pertença é a Deus e que para Ele se caminha rumo à pertença definitiva. Para o migrante, o sentido de provisoriedade lhe permitirá viver na espera daquilo que vem, testemunha de um futuro maior que o presente, sinal e antecipação do Reino. Para os missionários, sua missão não é colocar raízes, mas simplesmente ajudar os migrantes a integrarem-se, sensibilizar a Igreja local a abrir-se e formar aquela família de Deus, na qual nenhum se sinta estrangeiro. É necessário também colocar a caminho uma Igreja tentada a sedentarizar-se<sup>36</sup>. O apelo à provisoriedade, também nas estruturas pastorais, tornando-as

34 Cf. SECONDIN, Bruno. *La spiritualità in dialogo – Nuovi scenari dell'esperienza spirituale*. Milano: Paoline, 1997.

35 Cf. MÜLLER, Denis. *Pátria dos viajantes*, p. 172-173. Na patrística, para os cristãos «toda terra estranha é pátria e toda pátria, terra estranha», citação da Carta a *Diogneto*. Esta consciência é a base para uma «ética da provisoriedade», a qual dá um impulso à inovação e não à conservação.

36 Cf. TASSELLO, Graziano. *Verso una spiritualità scalabriniana*. In: *Teologia e mobilità umana in dialogo – Antologia/II*. Roma: Direzione Generale Missionari Scalabriniani,



mais flexíveis e abertas a uma imigração móvel ou temporária, parece ser o grande desafio do futuro<sup>37</sup>. A opção pastoral deve levar continuamente a sair das seguranças e colocar-se em perene páscoa de morte e ressurreição.

Na tensão dialética entre a encarnação na realidade e o provisório, a Igreja, quanto mais confessa o caráter provisório de suas formas, de suas estruturas e de suas estratégias, tanto mais se aproxima do Reino e melhor consegue testemunhá-lo, porque sua identidade é movimento, peregrinação, descentralização e não fixação, instalação, segurança. Esta Igreja a caminho não está ancorada na defesa e conservação do existente, mas deixa-se interpelar pelos problemas que afligem a humanidade, sobretudo dos migrantes pobres que encontra na estrada, à procura de pão para satisfazer suas necessidades materiais, da Palavra para encontrar respostas às suas necessidades de sentido, e de comunidades que satisfaçam suas necessidades de amor e de pertença<sup>38</sup>.

### 3.4. A comunhão nas diferenças

A comunhão manifesta a essência do mistério da Igreja, fruto do amor que brota do coração eterno do Pai, derramado através do Espírito doado por Jesus (Rm 5,5), para fazer de todos *um só coração e uma só alma* (At 4,32). Realizando sua função sacramental, a Igreja se torna sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano<sup>39</sup>. Sua face de comunhão, reflexo do amor trinitário, torna-se visível na comunhão fraterna, que se enraíza no Batismo, manifesta-se na variedade das vocações e se expressa a partir de cada Igreja particular, a qual deveria tornar-se «casa e escola de comunhão»<sup>40</sup>. Esta comunhão nutre-se principalmente da Palavra e da Eucaristia. A Palavra ajuda os migrantes, e quantos caminham ao seu lado, a reconhecerem e contemplarem a própria história como um caminho conduzido por Deus.

1998, p. 574; PETRIS, Luigi. *Mobilità degli uomini, mobilità della pastorale*. In: *Servizio Migranti*, n. 1, p. 17, 2000.

37 Cf. EMCC, n. 90.

38 Cf. SARTORI, Luigi. *Emigrazione è cultura*, p. 24-25; EMCC, n. 22; LG, n. 9.13.48-50.

39 Cf. SANNA, Ignazio. *L'antropologia cristiana tra modernità e postmodernità*. Brescia: Queriniana, 2001, p. 447; LG, n. 1.

40 Cf. NMI, n. 43; SCOGNAMIGLIO, Edoardo. *Riflessioni sulla Novo millennio ineunte*. In: *Aspreas*, n. 3, p. 406-409, 2001.





O episódio de Emaús (Lc 24, 13-35) recorda que ao ouvir a Palavra e ao repartir o pão com o misterioso «estrangeiro», os discípulos começam a descobrir que a sua verdadeira viagem não é para Emaús, mas para seus corações, viagem esta que os fez sair de seu pequeno mundo, abriu-lhes um novo caminho e uma radiante nova aurora.

A Eucaristia é o viático do povo a caminho, pão oferecido à nossa condição de viandantes, fermento de transformação<sup>41</sup>. Sendo prolongamento da presença de Cristo, na própria vida e na história do mundo, é uma contínua encarnação, a qual gera uma espiritualidade intimamente solidária com o gênero humano e com sua história, que não fica alheia aos problemas espirituais e materiais que atormentam a pessoa.

No que se refere à experiência espiritual, o papa João Paulo II pergunta em que consiste a espiritualidade de comunhão. Afirma que a espiritualidade de comunhão significa, primeiramente, o olhar do coração sobre o mistério da Trindade que mora em cada pessoa. A face do irmão é a via experimental através da qual passa o mistério de Deus, e na sua face leva a imagem de Deus Trino. Disso decorre a capacidade de sentir o irmão de fé, na unidade profunda do Corpo Místico, vendo-o como uma diversidade que enriquece e não como uma diferença que ameaça. Outrossim, é a capacidade de ver o positivo no outro, acolhê-lo, valorizá-lo como um dom de Deus, partilhar suas alegrias e seus sofrimentos, empenhar-se nas suas necessidades e, juntos, «carregar o peso uns dos outros» (Gl 6,2). E continua afirmando o pontífice: a espiritualidade de comunhão é um caminho, um itinerário do espírito humano no espírito de Cristo, um retorno ao coração de Cristo, porque a contemplação da face de Cristo gera comunhão<sup>42</sup>.

A espiritualidade de comunhão, em grande parte, é fruto da redescoberta da Trindade como horizonte da vida cristã. Tal experiência, inspirada na relação trinitária, torna a comunidade mediadora do encontro com Deus, o lugar onde se pode experimentar. Lo presente entre os irmãos. A característica de uma experiência de comunhão é precisamente partilhar as experiências pessoais e os valores evangélicos, para construir juntos um autêntico edifício espiritual. Esta experiência do Espírito,

41 Cf. JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*. 2003, n. 1.19.22.48.

42 Cf. NMI, n. 43-45; SCOGNAMIGLIO, Edoardo. *Riflessioni sulla Novo millennio ineunte*, p. 408.



feita em comunidade, é claramente a experiência do Pentecostes<sup>43</sup>. O espaço da partilha desta experiência é o lugar da diferença e da integração. A verdadeira experiência espiritual muda o coração e a mente do peregrino de Deus, também no plano das relações humanas; e torna-o capaz de excluir o medo da diferença, dispondo-o a acolher o outro na sua alteridade-diversidade<sup>44</sup>.

A vivência de uma espiritualidade de comunhão, nas comunidades compostas de migrantes, é uma dinâmica laboriosa, requer etapas, como conhecimento, reconhecimento e respeito às identidades particulares, culturais, étnicas, religiosas e outras. O empenho por esta espiritualidade imprime um novo impulso também ao ecumenismo, pois leva a discernir as formas e maneiras aptas a melhor favorecer a realização de anelos à unidade de todos os cristãos<sup>45</sup>. Esta comunhão exige paciência, aceitação das diferenças, desinstalação do conforto espiritual e responsabilidade comunitária. E as estradas do mundo são o lugar teológico onde os migrantes e toda a Igreja são chamados a testemunhar o amor trinitário de Deus, alimentados da única comunhão, «a comunhão que cada dia se alimenta na mesa do pão eucarístico e da Palavra de Vida»<sup>46</sup>. Uma espiritualidade que parte da plenitude da comunhão trinitária e se prolonga no mundo no mistério da encarnação, torna-se fonte e luz da história, fermento de transformação da humanidade.

### 3.5. Um sinal de esperança

No Antigo Testamento, a atmosfera de esperança é impregnada pelas promessas de Deus. Com Abraão, começa verdadeiramente a história da esperança bíblica. Por muitos séculos, para Israel, o objeto da esperança foi «*uma terra onde corre leite e mel*» (Ex 3, 8.17). No caminho do deserto, nem ídolos, nem templos, nem riquezas iluminaram a viagem rumo ao desconhecido. A única força e segurança era Deus,

43 Cf. GOYA, Benito. La nueva familia: Una espiritualidad de comunión. In: *Revista de Espiritualidad*, n. 234, p. 55, 2000; CODINA, Vitor. *Teología y experiencia espiritual*. Santander: Sal Terrae, 1977, p. 22-29.

44 Cf. CENCINI, Amedeo. «... come rugiada dell'Ermon...». Milano: Paoline, 1998, p. 44-55. Não existe outra possibilidade de edificar a comunidade fora do paradigma comunitário da comunhão na diversidade.

45 Cf. CNBB, *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja do Brasil (2003-2006)*, n. 125.

46 NMI, n. 58.



que caminhava com o povo. Nos Evangelhos, o tema da esperança está intimamente ligado ao Reino anunciado por Jesus (Mt 6,10; 12,28; Mc 14,25). Para Paulo, o que põe os cristãos em «situação de esperança» é a morte e a ressurreição de Jesus e por isso ele fala da alegria na esperança (Rm 12.12).

Para os cristãos, a esperança qualifica a peregrinação terrena. É a virtude própria dos peregrinos e permite manter-se firme no meio das adversidades da vida: «*gloriamo-nos também nas tribulações*» (Rm 5,3), com os olhos voltados para a meta (Fl 1,6; 3,20; Hb 11,13-14), porque o verdadeiro cristão olha para o futuro. O presente é um estado provisório, transitório e deve ser superado<sup>47</sup>.

Uma espiritualidade que faz caminhar na esperança tece nos corações as mais secretas certezas e põe a pessoa a caminho da meta. Nesse caminho, a esperança é essencialmente a disponibilidade no empenho em uma experiência de comunhão, provém da experiência de comunhão e garante esta comunhão. A autêntica esperança só é possível no nível do «nós», ou do «ágape»<sup>48</sup>.

A esperança que permeia esta experiência espiritual possui um caráter global, refere-se a este mundo, mas visa o *éscaton*, uma realidade totalmente transfigurada. No presente, já é uma promessa plena de gozo e convida a todos, aqui e agora, a construir o Reino de Deus. Não se apóia nas forças humanas ou na realidade, mas no poder e na misericórdia de Deus. Esta perspectiva da esperança escatológica não é uma evasão da história, mas tem raízes no presente e incidência sobre o político e social. A esperança que vence a morte deve lançar as suas raízes no coração da práxis histórica, sem esquecer este mundo de miséria, de injustiça e de luta pela libertação. Torna-se, assim, a chave da existência humana orientada para o futuro, mediante a transformação do presente. O paradoxo da esperança é o que faz o poeta C. Pegúy colocar nos lábios de Deus estas palavras: «a fé que eu prefiro – diz Deus – é a esperança». Por isso, a esperança cumpre uma função dinâmica e libertadora na história<sup>49</sup>.

47 Cf. RAHNER, Karl. *Frammenti di spiritualità per il nostro tempo*. Brescia: Queriniana, 1973, 29-32.

48 Cf. MARCEL, Gabriel. *Homo viator – Prolegomeni ad una metafisica della speranza*. Roma: Borla, 1980, p. 14-15.70-80.

49 Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia della liberazione*, p. 213-216; GELABERT, Martín. *La seducción de las utopias*. In: *Revista de Espiritualidad*, n. 206, p.76-81, 1993; MOLTSMANN, Jürgen. *Ressurreição – Fundamento, força e meta de nossa esperança*.



Uma experiência espiritual impregnada de esperança sustenta os migrantes e toda a Igreja, ajudando-os a caminhar confiantes, como se estivessem vendo o invisível (Hb 11,27). Desta forma tornar-se-ão «sinal vivo de uma vocação eterna, impulso contínuo àquela esperança que, apontando um futuro além do mundo presente, solicita deste a transformação na caridade e o cumprimento escatológico»<sup>50</sup>.

A Igreja, como comunidade daqueles que professam explicitamente a sua esperança na vinda do Reino, é a comunidade em que, desde agora e de modo privilegiado, é desafiada a realizar sinais de esperança, dentro de si e no mundo, em vista de um futuro sobre a terra que seja mais digno para o ser humano<sup>51</sup>.

## Conclusão

A experiência espiritual de um povo que está continuamente a caminho, deverá manter vivo este verdadeiro paradigma, esta verdade eterna, que consiste no caminhar na presença de Deus, em sua companhia, em sua presença: «*Caminha humildemente com o teu Deus*» (Mq 6,8). O caminhar com Deus exprime o dinamismo da existência humana, porque o homem é um ser temporal, em devir, um ser itinerante sempre a caminho, rumo à sua plenitude<sup>52</sup>.

À luz da Bíblia, caminhar com Deus não é algo que se limita a momentos extraordinários, mas uma experiência que emerge no transcórrer da vida real de cada dia, na certeza de ser, como Israel, um povo que tem Deus que caminha ao seu lado, como um Pai e Pastor, o qual habitará no meio de seu povo para sempre (Ez 43,7). Por outro lado, é também um povo que caminha com seu Deus, que acolhe a sua Palavra e aceita, como criança, a relação de dependência, de ser nutrido e de ser levado por Aquele que o gerou (Dt 32,10-11) e, conseqüentemente, implica um caminhar na fidelidade e na misericórdia. O imperativo «caminha hu-

In: *Concilium*, n. 5, p. 110-119, 1999; DE LA PENÁ, Juan Ruiz. *Esperar en tiempos de desesperanza*. In: *Revista de Espiritualidad*, n. 206, p. 98-104, 1993.

50 EMCC, n. 18.

51 Cf. DOS SANTOS MARTO, Antonio. *Reino de Deus, progresso social e libertação*. In: *Humanística e Teologia*, n.1, p. 150, 1994; JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio*. 1990, n. 59.

52 Cf. DI SANTE, Carmine. *Lo straniero nella Bibbia – Saggio sull'ospitalità*. Troina: Città Aperta, 2002, p. 223.